

# Explosões de Desejos— Siderando o Desidério, ou de Volta ao Movimento dos Astros

Miriam Chnaiderman

A partir do livro de Mário Peter de Souza Leite,  
*O Deus Odioso*, a noção de desejo na teoria lacaniana é questionada  
em suas diversas leituras.

**O**s quereres

Onde queres revólver, sou coqueiro  
e onde queres dinheiro, sou paixão  
Onde queres descanso, sou desejo  
E onde sou só desejo, queres não  
E onde não queres nada, nada falta  
E onde voas bem alto, eu sou o chão  
E onde pisas o chão, minha alma salta  
E ganha liberdade na amplidão  
Onde queres família, sou maluco  
E onde queres romântico, burguês  
Onde queres Leblon, sou Pernambuco  
E onde queres eunuco, garanhão  
Onde queres o sim e o não talvez  
E onde vês eu, não vislumbro razão

Onde queres o lobo, eu sou o irmão  
E onde queres cowboy, eu sou chinês  
Ah! Bruta flor do querer...  
(...)  
Onde queres a lua, eu sou o sol  
E onde a pura natura, o inseticídio  
Onde queres mistério, eu sou a luz  
(...)  
O quereres e o estares sempre a fim  
Do que em mim é de mim tão desigual  
Faz-me querer-te bem, querer-te mal  
Bem a ti, mal ao quereres assim  
Infinidamente pessoal  
E eu querendo querer-te sem ter fim  
E querendo-te, aprender o total

**Miriam Chnaiderman:** Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae; doutoranda em Artes Cênicas na Ecausp, autora de *O hiato convexo* (ed. Brasiliense) e *Ensaio de Psicanálise e Semiótica* (ed. Escuta).

Do querer que há e do que não há em mim

Caetano Veloso (1986)

Soneto

Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;  
É um solitário andar por entre a gente;  
É um contentar-se de contente;  
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode o seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

Lúis de Camões (séc. XVI)

É interessante notar como Caetano e Camões constroem de forma similar, por oxímoros (reunião de palavras que se contradizem), seus poemas sobre o desejo, ou sobre o querer, ou sobre o amor (não me interessa aqui entrar na discussão implicada na diferente utilização de cada um destes termos). A vivência dos contrários, a impossibilidade do encontro pleno, a inquietude inevitável parecem universalizar-se, eternizar-se.

Seria bastante fácil tomar o poema de Caetano Veloso para exemplificar a noção de desejo em Lacan. Contardo Calligaris aponta que, em Lacan, **desejar** é um verbo intransitivo<sup>(1)</sup>: o sujeito deseja, “mas não deseja algo”. O desejo expressa-se em toda e qualquer demanda, “o desejo anima a metonímia dos meus objetos” (...) “o problema é querer, e se existe uma ética do desejo, não é uma ética do desejo disso ou daquilo, é uma ética do querer.” Contardo cita Lacan: “a única culpa que a psicanálise reconhece seria ter desistido do próprio desejo”. Conclui Contardo: “... talvez ao fim da análise eu possa me permitir desejar (intransitivamente)”.

Mas, neste artigo, Contardo Calli-

garis não pretende entrar na discussão do que é o desejo na teoria lacaniana. Nisto, Caetano e Camões são mais lacanianos que o próprio Contardo, pois ambos, ao final de seus poemas, afirmam uma impossibilidade ou uma falta inevitável. Em Caetano: “E querendo aprender o total / Do querer que há e do que não há em mim”. Em Camões: “Mas como causar pode o seu favor / Nos corações humanos amizade, / Se tão contrário a si é o mesmo amor?”

Cada vez mais, a difusão da teoria lacaniana e a utilização de jargões levam a formas estereotipadas de não-pensamento, ao enquadramento

**E**xplicar todo comportamento como recusa de viver a castração vem se tornando um lugar-comum que, por explicar tudo, não explica nada.

de toda e qualquer problemática da ordem do humano em termos de castração, incompletude, etc. Explicar todo e qualquer comportamento em termos de impossibilidade de viver a castração, afirmar a impossibilidade de realização do desejo como algo instituinte da condição de sujeito, vem se tornando um lugar-comum, que explica tudo e, portanto, não explica nada. Pode-se interpretar Contardo Calligaris no artigo supracitado, que o simples desejar, intransitivamente, pode implicar um preenchimento pelo desejar ou um suportar viver na incompletude...

Estas reflexões surgiram-me após a leitura do livro **O Deus Odioso**<sup>(2)</sup> de Márcio Peter de Souza Leite, que

traz também o famoso conto de Jacques Cazotte, “O diabo amoroso”, de 1772, na tradução primorosa de Camilo Castelo Branco. É deste conto, considerado precursor na literatura fantástica, que Lacan extrai a famosa expressão “Che vuoi”, que expressa o escravizamento do desejo a um Outro — no conto, concretizado na figura do Diabo.

É claro que este livro merece discussão, pois é característico do tipo de pensamento que vem dominando a psicanálise contemporânea: tudo é reduzido a uma impossibilidade de suportar a incompletude inerente ao ser humano...

A primeira parte do livro consta de uma reflexão de Márcio Peter S. de Leite tentando relacionar a psicanálise com uma história das mentalidades. A questão é interessante. Mas Leite precisaria fundamentar melhor sua afirmação de que “Freud teria mantido a compreensão das neuroses articulada à peculiaridade dos processos históricos em que elas foram produzidas”. O próprio exemplo dado mostra que Freud não hesitava em recorrer à filogênese e ao mítico na busca da origem das neuroses. O que não quer dizer que Freud não tenha construído um pensamento sobre a cultura. Mas ser um “pensador da cultura” não é fazer uma história das mentalidades<sup>(3)</sup>.

Trabalhos posteriores na psicanálise talvez tenham se aproximado de uma história das mentalidades — por exemplo, Lucien Israel<sup>(4)</sup> quando pensa a histeria relacionando-a com as fantasias ligadas à figura feminina através dos tempos, ou Emilce Deo Bleichmar<sup>(5)</sup> que pensa a histeria como revolta feminista. Jurandir Freire Costa (conforme lembrou-me Renato Mezan) preocupa-se com uma história das mentalidades no Brasil.

É verdade, concordando com Leite, que a história das mentalidades é extremamente fascinante para a psicanálise; mas na exata medida em que questiona alguns dos seus universais, tais como foram propostos por Freud. Por exemplo, como pensar a profantasia da cena primária, quando Ariès nos conta que é apenas a partir do século XVIII que passa a existir a separação de quartos? E que antes crianças, criadagem, casais, todos dormiam pelos cantos da casa, sem lugares pre-determinados? As camas eram, inclusive, desmontáveis.

Para Leite, a proposta lacanianiana que define o inconsciente como linguagem forneceria um instrumento inovador para pensar “modificações dos quadros psicopatológicos com as quais as várias linguagens sofreram no curso do tempo”. É confusa sua formulação, e talvez esta confusão advenha de uma não-explicação do que seria uma “história das mentalidades”. Tentando entender Leite: as transformações pelas quais passa a linguagem (e aqui caberia referir-se a Michail Bachtine, que relaciona as transformações da língua com os movimentos da história) levariam necessariamente a modificações nos quadros patológicos. Parece interessante pensar de que forma a expressão do desejo em diferentes culturas e línguas determina as diferentes patologias.

Leite faz um apanhado panorâmico, portanto inevitavelmente superficial (mas bastante útil) pelos livros mais significativos — e bastante em moda —, da história das mentalidades. Cita Ariès, Delumeau, Sennett e outros — autores que procuram pensar a questão do público e do privado. Pretende então “articular as pesquisas desses investigadores com as da psicanálise: esta opõe o particular do desejo, que poderia equivar ao privado, ao universal da lei, que pode ser entendido como público”. Afirma: “na linguagem psicanalítica, uma oposição entre o desejo e a Lei é articulada pelo complexo de Édipo”.

Já em trabalho meu publicado em número anterior desta revista <sup>(6)</sup>, a propósito do **affaire** Pommier/Miller, alertei para o perigo que existe em confundir a lei do desejo com a lei do Estado, com a questão pública: o desejo que é objeto da psicanálise não tem nada a ver com a lei pública, com a lei do Estado. A ordem da sexualidade tem seu lugar próprio e específico. Não podemos, como psicanalistas, “moralizar” o desejo. Trabalhamos com uma ética do desejo — moral é algo bem distinto de uma ética.

Segundo Leite, no século XVIII “o diabo, mais que representação do mal”, tornou-se representante do poder, “o poder de saber” do que não se pode saber — seria portador do saber dos desejos.

O conto “O diabo amoroso”, segundo Leite, foi considerado uma obra iniciática, “possuidora de um

saber oculto aí transmitido...” E, até hoje, parece manter este caráter iniciático — o “che vuoi” laciano está contido no conto de Cazotte. Assim sendo, o desejo, conforme Lacan, passaria por algo da ordem do oculto.

Cazotte parece ter sido iniciado na ordem dos martinistas, uma das religiões ligadas ao ocultismo. E Cazotte, com sua bruxaria, exigiu que Lacan fosse introduzido em, quem sabe, um outro tipo de iniciação; o passe, a travessia do fantasma, ou sabe-se lá o que mais...

Afirma Leite:

“O Iluminismo, por isso, tomava

O desejo que é objeto da psicanálise não tem nada a ver com a lei do Estado Moral; é algo bem distinto de uma ética.

aqui outra conotação que era a de **iluminatio**, uma referência à linguagem mística, significando a possibilidade de se adquirir conhecimento por meio de **transferência**, que seria superior aos meios e leis da razão e da inteligência (...) a iluminação garante a certeza pela visão da divindade.” (o grifo é meu).

Sem se dar conta, Leite introduz aqui um questionamento talvez intrínseco à proposta lacanianiana: se a noção de desejo passa necessariamente pelo “che vuoi” demoníaco do conto de Cazotte, seria possível a adoção dos parâmetros lacanianos institucionais e clínicos sem uma demanda cega de adesão iniciática?

É interessante notar, conta-nos

Leite, que a filiação de Cazotte ao martinismo foi posterior à elaboração de “O diabo amoroso” — a seita vem dar concretude a algo que já estava no próprio texto. É interessante confrontar este dado com o ensaio de Noemi Moritz Kon neste número de **PERCURSO**, contando-nos como vivencia a leitura dos textos lacanianos...

Cazotte filiou-se à Ordem dos Eleitos Coênios, sendo submetido a um ritual que pretendia ser a reencenação do que se passou no começo dos tempos do universo. Os “eleitos coênios” procurariam reintegrar a condição de Adão antes do pecado.

Citando Leite:

“A inovação de Martinets de Pasquallys (fundador do martinismo) foi afirmar que não sabia antecipadamente que ser apareceria no momento da invocação. O que surgisse seria a ‘Coisa’ que (...) emanaria do mundo celestial, podendo ser desde um som até um hieróglifo luminoso (...) o eleito coênio procurava os ‘passes’, o que queria dizer traços luminosos da ‘Coisa’. Martinet de Pasquallys chamava “passe” as luminosidades. Obter um ‘passe’ provava que se tinha estabelecido contato com o mundo sobrenatural e certos adeptos não esperavam nada melhor.”

Seria muito fácil procurar destruir Lacan e compará-lo com Martinets de Pasquallys, apesar de ser pelo menos engraçado pensar na utilização dos mesmos termos. Mas é preciso ter cuidado para não cair na ironia fácil e estas questões são bem mais complexas. Não pretendo, pelo menos aqui, reiterar a problemática relativa ao passe na École Freudienne de Paris e todas as suas seqüelas, nem, mais uma vez, pensar no caráter iniciático das instituições psicanalíticas (e não penso apenas nas lacanianas).

O que me interessa aqui é rastrear de que forma Leite parte de Cazotte para expor a noção lacanianiana de desejo e quais as conseqüências de sua teorização. Ou seja, quero pensar a noção de desejo, questionar se ela necessariamente vincula-se à incompletude e castração.

Leite afirma que são os desejos humanos que levam o homem à magia: “pode-se admitir que, se ele crê nela, é porque tem uma confiança desmedida no seu desejo. Freud veria o demônio como a projeção de conteúdos psíquicos indesejáveis —

“demoníaco seria então o que um sujeito não pode aceitar em si mesmo, devido ao recalque.”

Para Leite, a noção de cisão, na obra de Freud, é passível de várias interpretações, sendo em Lacan que passa a definir a subjetividade: “Para Lacan, a divisão é inseparável do sujeito em ato”. “Nessa causação do sujeito (...) é onde Lacan situa, com referência ao “Che vuoi”, um dos nós onde se joga o destino do sujeito.”

Sobre a concepção lacaniana, Leite afirma: “... o desejo do homem é o desejo do Outro”, o que poderia ser formulado como “O que o diabo me deseja?” (...) “... para a psicanálise, ao se situar o lugar de Deus, remete-se à origem da lei, que é o lugar do Pai (...) isso é conceitualizado como a função do falo na linguagem...”

O artigo de Laymert Garcia dos Santos, “Lautréamont e o desejo de não desejar”<sup>(7)</sup> começa assim:

“O desejo de um é o desejo do Outro, diz o psicanalista. ‘Menino do Rio, eu desejo o teu desejo’, canta Caetano Veloso”.

Laymert analisa como o desejo aí se constitui como carência, insuficiência, falta-lhe poder desejar. Ou seja, concebe-se o desejo a partir de uma falta, de uma negação e de uma exterioridade — desejamos o que não temos ...

Na análise que Leite faz do gráfico do desejo, tal como é exposto por Lacan em seu ensaio “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, afirma que o sujeito existiria apenas como um “significante faltante”: “... a primeira operação que Lacan construiu a partir dessa categoria da alienação é a que constitui o sujeito como produzido por um significante faltante. A alienação faz com que o sujeito enfrente um Outro de tal maneira que desse encontro se produza um sujeito faltante, um significante a menos no corpo do Outro, a linguagem. Esse Outro, então, não é completo, pois está esvaziado de um significante, o sujeito. (...) O Outro completo seria o deus da religião”.

Indaga-se Laymert:

“... se o desejo de um é o desejo do Outro, se eu desejo o teu desejo, como é possível desejar? Como pode

a energia desejanse se desprender de uma carência? Como pode apropriar-se de algo que só o outro possui e voltar trazendo sua presa?”

Para Laymert, o Outro é absoluto. E, sabemos, esta é uma das leituras possíveis do Grande Outro lacaniano. Laymert não cita nem trabalha dentro de um referencial lacaniano — fala em “potência” e interroga-se sobre a potência do desejo — se toda potência fica em um Grande Outro Absoluto, ficamos sem a potência do desejo, sem a força do desejo. A não ser que também tenhamos a potência do Absoluto e nos indiscriminemos dele — deixa, en-

Segundo  
Márcio Peter Leite,  
são os desejos humanos  
que levam o homem  
à magia.  
Freud veria o demônio  
como a projeção de  
conteúdos psíquicos  
indesejáveis.

ção, de existir o Grande Outro (o sujeito é o Grande Outro).

Em contraposição, para Leite, a fantasia “seria sempre uma ilusão de completude, na qual cada um pensa ter encontrado o que sempre quis, por supor não lhe faltar mais nada”. “A variação dos discursos, como tentativa de evitar a falta no Outro e, portanto, a angústia, seria a estrutura mesma da história das mentalidades”.

Ou seja, embora Leite alerte que uma ciência busca ser completa para evitar a angústia, propõe a impossibilidade de viver a castração e a incompletude como paradigma universal na compreensão do movimento da história. Ou seja, torna-se objeto

de sua própria denúncia — a história passa a ser entendida como movimento universal para evitar a falta.

Deleuze, em **Diferença e Repetição**, fala-nos de como o desejo tem a ver com a saciedade, com a possibilidade da contemplação. Sua crítica à falta como constitutiva do desejanse é avassaladora.

Chaim S. Katz, em seu artigo “Diálogo com Filósofos”(PERCURSO nº 7), mostra como a teoria de Lacan vem abandonando a ordem do prazer, que fica submetida à ordem do desejo, enquanto para Freud há prazer fora da submissão a uma suposta ordem legiferante do desejo.

Mas, é preciso dizer, há várias maneiras de trabalhar com os textos lacanianos. É interessantíssimo comparar a leitura que Bernard Penot<sup>(8)</sup> faz do gráfico do desejo com a interpretação que dele dá Márcio Peter S. Leite. (O gráfico do desejo é analisado também por Marie-Christine, Laznick-Penot em seu artigo “A construção da noção de gozo”, incluído neste número.)

Para começo de conversa, em Penot, a cadeia significativa que constitui o inconsciente é o que pode “fazer corte” (fazer sentido) na indefinida continuidade do Real. O sujeito não é definido pela falta, mas como positividade. Negação não é negatividade, ausência: a negação em Freud é o primeiro modo por meio do qual algo pode ascender no registro do cognoscível — o sujeito só se constitui, só se apresenta ao escapar do discurso do Outro, ao dizer “não” (o ec-sistir).

Para Contardo Calligaris, também, a realização do desejo é o poder desejar ... Ou seja, há realização do desejo. Embora afirme, como bom lacaniano, que basta a enunciação do desejo como sua realização.

Bernard Penot e Márcio Peter S. Leite têm leituras distintas do demoníaco — Penot pensa no Grande Outro materno, polemizando com a interpretação que Freud dá em seu trabalho “Um caso de neurose demoníaca no século XVII”. Leite assume a interpretação de Freud, tomando o demoníaco como ausência do paterno.

Para Penot é o Grande Outro materno que dá a base para o Grande Outro barrado que advém de um

“operador paterno”, um pai simbólico. Assim, o próprio Outro deve passar pela operação de simbolização, ou ser reconhecido como tendo algo que falta. Mas isto que falta é irrepresentável, pois está fora do código do outro. O artigo “O sintoma histórico: da (im)possibilidade do feminino estruturado como linguagem”, parte deste número de **PERCURSO**, procura dar conta desta questão. Mas restringe-a ao campo do feminino e da histeria. O que podemos ver é como esta é uma questão do âmbito da teoria lacaniana da constituição do sujeito enquanto ser desejante.

No livro **O desejo**, Marilena Chauí<sup>(9)</sup> e Flávio Di Giorgi<sup>(10)</sup> contam-nos da bela origem da palavra desejo: **sidera** significa a figura formada por um conjunto de estrelas — é empregada como palavra de louvor. **Sideratus** é alguém atingido ou fulminado por um astro. Ou seja, a palavra tem a ver com a influência dos astros sobre o destino humano. Afirma Chauí: “Pelo corpo astral, nosso destino está inscrito e escrito nas estrelas e **considerare** é consultar o alto para nele encontrar o sentido e o guia seguro para nossas vidas”.

Di Giorgi é muito divertido em suas considerações: “... quando alguém estava desejando de tudo, quando aquilo que ele queria não tinha mais, quando estava no miserê, tudo deu errado, e o sujeito então tinha perdido o ânimo, aí diziam para ele: ‘Vai ver os astros para ver o que acontece’. Ele dizia: ‘Não adianta, eu estou perdido’”. Isso era **desiderare** (...). Então “desejar” na sua origem quer dizer: desistir de olhar os astros, desistir de especular sobre o futuro (...) eu quero curtir a certeza da ausência, daquilo que você não tem...”

Mas Giorgi continua:

“... você passa a usar a sua atitude de homem, o primeiro passo para você ter o que não tem é desejá-lo, não é?”

Ou seja, sem essa de ficar curtindo a falta...

É o que vem afirmando Chaim S. Katz, no seu esforço para desmascarar a luta pela hegemonia existente nos lacanianos de nosso triste país das bananas. Seu ensaio “Freud, o caso ‘Dora’ e a histeria”<sup>(11)</sup>, recém-publicado em coletânea que organizou, é de incomensurável importân-

cia diante da questão que vimos discutindo.

É primorosa sua crítica ao estruturalismo na psicanálise: “... na literatura lacaniana dos matemas, as estruturas já são dadas, e o lugar do psicanalista é um simulacro da constituição do sujeito no Outro”. “Só existiria sujeito do inconsciente desde sua determinação radical”. Ou, ainda, de acordo com que afirmamos até agora: “A linha estrutural contemporânea teria patologizado todas as produções psíquicas, colocando-as no regime da Falta.”

Para Deleuze,  
o desejo tem a ver  
com a saciedade,  
com a possibilidade  
da contemplação

Mas penso que, no seu afã de esclarecer, perfeitamente compreensível e condizente com o papel que sempre teve na psicanálise brasileira, Chaim comete algumas injustiças. Por exemplo, quando afirma que “nem tudo no corpo pode inscrever-se na ordem das representações”, como se os lacanianos ignorassem tal fato. É o próprio Jacques Alain Miller que, no livro organizado por J. Aubert, afirma que a função da fala não esgota o que se deve ao campo da linguagem<sup>(12)</sup>. O trabalho de Lacan com os textos de Joyce vão no sentido de buscar o que não é aprisionável no registro da representação.

Chaim tem razão ao notar que, “mesmo quando se afirma o primado da falta, pensa-se o sistema psíquico como completo”. Derrida, em **La Carte Postale**<sup>(13)</sup>, comentando o Se-

minário sobre a Carta Roubada, já dizia que a falta nunca falta. Mas isto não implica uma concepção do aparelho psíquico como unitário. É grande a importância de Lacan ao afirmar a alteridade radical do inconsciente. O problemático é como se tentou diminuir esta alteridade, colocando-a no registro do discursivo, esquecendo-se a dimensão de temporalidade, de duração (durée em Bergson) que a alteridade implica.

Brigando com os lacanianos, Chaim afirma que “as pulsões transgridem e irrompem por toda parte”, ou seja, são pouco obedientes a qualquer estrutura. Ora, basta ler o artigo de Marie-Christinne Laznick-Pennot inserido neste número de **PERCURSO**, para observar que a pulsão é problematizada de forma nada simples pelos lacanianos. A questão do gozo leva, inclusive, a relacionar o movimento da pulsão com o de um movimento em espiral, em moto-contínuo...

Mas o fato é que as questões que Chaim coloca levam a buscar o **páthos** (paixão) ainda que um **páthos** briguento. Antes isto do que a apatia ou a melancolia.

É preciso recuperar o desejo, como abertura, e o encontro, como potência e movimento — ou seja, permanente devir.

## Bibliografia

- (1) Calligaris, Contardo — “O inconsciente em Lacan”, in **O inconsciente**, S.P., ed. Escuta, 1991 (org. Felícia Knobloch).
- (2) Leite, Márcio Peter de Souza — **O Deus Odioso**, S.P., ed. Escuta, 1991.
- (3) Mezan, Renato — **Freud, pensador da cultura**, S.P., ed. Brasiliense.
- (4) Israel, L. — **La histeria, el sexo y el medico**; Barcelona, Toray-Masson, S.A., 1979.
- (5) Bleichmar, E. D. — **O feminismo espontâneo da histeria**, Porto Alegre, ed. Artes Médicas, 1988.
- (6) Chnaiderman, M. — “Lei, estado e desejo” in **PERCURSO** nº 3
- (7) Santos, Laymert Garcia dos — “Lautréamont e o desejo de não desejar” in **O desejo** (col.), S.P., Cia. das Letras, 1990.
- (8) Penot, Bernard — **Figures du déni**; Paris, Dunod, 1991.
- (9) Chauí, Marilena — “Laços do desejo” in **O desejo**, S.P., Cia. das Letras, 1990.
- (10) Di Giorgi, Fl. — “Os caminhos do desejo” idem.
- (11) Katz, Chaim S. — “Diálogo com Filósofos” in **PERCURSO** nº 7 — “Freud, o caso ‘Dora’ e a histeria” in **A histeria**, RJ., Imago, 1992.
- (12) Miller, Jacques-Alain — “Introduction” in **Lacan avec Joyce**, Paris, Navarin, 1987 (org. J. Aubert).
- (13) Derrida, J. — **La carte postale**, Paris, Flammarion, 1980.